

TRADUÇÃO DE 'CONCEITOS CULTURAIS ESPECÍFICOS' NO CONTEXTO DA TRADUÇÃO INDIRETA: O CASO DA OBRA *O ASSASSINO*, DE JOE TANG

TRANSLATION OF 'CULTURE-SPECIFIC CONCEPTS' IN CONTEXT OF INDIRECT TRANSLATION: THE CASE OF *O ASSASSINO*, JOE TANG

Zhou Mengyuan*
lidia.zhou@usj.edu.mo

Os contatos entre as línguas portuguesa e chinesa datam do século XVI. Com efeito, com o desenvolvimento das relações entre a China e os países de língua portuguesa, as traduções entre as duas línguas têm florescido, o que muito contribui para a divulgação das respectivas literaturas. No campo da atividade tradutológica, além da tradução direta, há a considerar o método indireto. Tanto os países lusófonos como a China têm recorrido à tradução indireta ao longo dos tempos e, no século XXI, esta continua a ser utilizada pelos tradutores do par chinês-português. A obra que analisamos aqui, *O Assassino*, de Joe Tang, foi originalmente escrita em chinês e depois traduzida para o inglês. Posteriormente, surgiu uma versão portuguesa por via indireta, a partir da tradução inglesa. A obra ficciona a morte do governador português Ferreira do Amaral em Macau, e envolve vários elementos da cultura chinesa. O presente trabalho analisa as versões em inglês e português numa perspetiva comparativa, discutindo a questão da tradução de conceitos culturais específicos (*Culture-Specific Concepts*) no contexto de tradução indireta.

Palavras-chave: Tradução indireta. Tradução literária. Conceitos culturais específicos. *O Assassino*. Joe Tang.

Contact between Portuguese and Chinese began as early as the 16th century. As the relations between China and the Portuguese-speaking countries developed, translations between the two languages have flourished, particularly in literature. It is important to note that, in this domain, direct translation as well as indirect translation has been active options. Translation via a third language has been a frequent method used by Portuguese-Chinese translators – not only in the early days of their

* Universidade de São José, República Popular da China.

burgeoning contact but also well into the twentieth-first century. This paper analyses the translation of the novella *O Assassino*, which fictions the assassination of the Portuguese Governor Ferreira do Amaral in Macau. The story was originally written in Chinese, then translated into English and then into Portuguese. It happens that the Portuguese version was translated via the English. The aim of this article is to analyze both versions from a comparative perspective and to discuss the translation of culture-specific concepts in the indirect translation context.

Keywords: Indirect translation. Literary translation. Culture-Specific Concepts. *O Assassino*. Joe Tang.



1. Introdução

Os primeiros contatos entre as línguas portuguesa e chinesa remontam ao século XVI. Com efeito, ao longo do desenvolvimento das relações entre a China e os países de língua e expressão portuguesa, as traduções entre as duas línguas têm florescido, o que tem contribuído muito para a divulgação das respetivas literaturas. Um crescente número de obras literárias de ambas as línguas tornou-se conhecido mas, quando lemos e comentamos estas obras estrangeiras, raramente atentamos num pormenor: qual a língua que origina a tradução? Isto é pertinente na medida em que uma tradução direta da língua original será, necessariamente, diferente de uma versão baseada numa língua intermediária.

A questão da tradução indireta tem sido discutida nos últimos anos. Por exemplo, até à década de 1990 os clássicos russos foram traduzidos para o português europeu através do francês. A tradução de José Saramago (1959) de *Anna Karenina*, de Leo Tolstoi, foi feita via francês. Da mesma forma, os livros de Mo Yan, o escritor chinês distinguido com o Nobel de Literatura em 2012, foram traduzidos para línguas como o espanhol e o português através da versão inglesa de Howard Goldblatt.

No campo da atividade tradutológica, a tradução indireta tem sido bastante comum, a par da via direta. De facto, tanto os países lusófonos como a China têm tradição no uso da tradução indireta. No atual século XXI, esta também é amplamente utilizada pelos tradutores de língua portuguesa e chinesa. Autores do mundo lusófono como Jorge Amado ou Antero de

Quental, e escritores chineses como Mo Yan ou Yu Hua foram traduzidos indiretamente de ambas as línguas.

Esta realidade levanta a questão da tradução de aspetos culturais, problemática já discutida há várias décadas. Mais do que nunca, num mundo global em que as comunicações interculturais se intensificam, aumenta a relevância das questões culturais no estudo de tradução. Susan Bassnett afirmou que a linguagem é o coração dentro do corpo da cultura, e a interação entre as duas resulta na continuação da energia vital (1991, p. 14). A questão da tradução de cultura foi abordada por vários investigadores, nomeadamente no que respeita aos 'conceitos culturais específicos'.

Ao analisarmos a tradução de 'conceitos culturais específicos', em inglês e em português, tentamos investigar qual é o papel de língua inglesa neste contexto, já que serve como língua intermediária. Em particular, procuramos verificar se a tradução indireta assume algum tipo de tendência 'imperialista', com a intenção de omitir as especificidades culturais da língua de partida.

A escolha da obra *O Assassino* para este estudo de caso prende-se com o facto do enredo se passar em Macau do século XIX, transportando por isso 'conceitos culturais específicos' ao nível da religião, tradições, cargos oficiais do governo chinês, entre outros. Ao analisar as traduções de 'conceitos culturais específicos', tentaremos revelar a função da língua intermediária e como os equívocos nessa língua influenciaram a tradução em português.

2. Conceito de tradução indireta

Num trabalho de Esperança Bielsa e Susan Bassnett de 2009, intitulado *Translation in Global News*, descreve-se uma cena que um editor chama de "news-gating procedure":

The first news [of an explosion in North Korea]¹ came through to the Agence France Presse from the Chinese News Agency in Chinese and also in English. [...] There was nothing from the North Korean News Agency, but stories then came from South Korean agencies, in Korean and in English. Translators in local bureaus worked on putting the Chinese and Korean versions into English, after which the texts were sent to a central editing desk. A French writer in Hong Kong was translating the English into French... [O]nce the story is sent round the world, it is translated again into other languages for local use. (Bielsa & Bassnett 2009, p. 14)

1 inserções originais.

Este processo, que acontece quase todos os dias, envolve uma ação de tradução indireta. De facto, a atividade de tradução indireta, ou “tradução de uma tradução” (Gambier 1994, p. 413), possui uma longa história, tanto no mundo ocidental (por exemplo a tradução e disseminação da Bíblia) como no Oriente (a tradução dos sutras e mais tarde do *I Ching*). Segundo Accácio, o recurso à tradução indireta está relacionado com o escasso acesso linguístico e/ou com o fato de a língua não despertar interesse editorial. A cultura que serve como intermediadora apresenta normalmente relevância cultural e económica, sendo, portanto, importante para o mercado editorial (Accácio 2010, p. 101). Hoje em dia, a tradução indireta continua a desempenhar um papel importante no mercado literário, ao nível do audiovisual e de outras áreas também.

Considerando que a tradução indireta possui uma diversidade metalinguística de terminologias e definições, é necessário clarificar a definição usada neste artigo.

Martin Ringmar sublinha que a posição marginal da tradução indireta no contexto dos estudos da tradução se reflete na instabilidade da metalíngua (2007, p. 12). No seu ensaio, Ringmar lista os seguintes termos para designar a tradução indireta, demonstrando a diversidade da metalíngua referente a esta atividade:

Tabela 1. Termos de tradução indireta - adaptado de Ringmar (2007, p. 2)

Termo	Usado por
indirect translation	Toury (1995)
relay translation	Dollerup (2000)
chain translation	Ingo (1991)
secondary translation	Lindqvist (2002)
Weiteruberstzung	von Stackelberg (1984)
mediated translation	Kittel (1991), Toury (1995)

Para além de reconhecerem esta diversidade metalinguística, os estudos apontam discrepâncias entre os termos que designam o processo de tradução indireta e/ou o seu texto final. Embora termos diferentes sejam frequentemente usados com o mesmo significado ou significado análogo, os mesmos termos também são usados com significados diferentes. Tal instabilidade terminológica e concetual é evidenciada por casos de sinonímia e polissemia. Quanto às preferências terminológicas, algumas foram

de alguma forma influenciadas pelos pesquisadores nacionais, linguistas e acadêmicos.

A ambivalência concetual repete-se na definição do termo que se refere ao processo e/ou ao texto de chegada. Para evitar ambiguidades terminológicas, esclarecemos os termos usados no presente texto: língua/texto de partida > língua/texto intermediário > língua/texto de chegada, num processo que se designa como tradução indireta.

Uma outra questão prévia que temos de clarificar é a abrangência e o uso destes conceitos.

O termo “tradução indireta” remete algumas pessoas para a teoria de relevância de Gutt (1989). Gutt usou o termo para simbolizar uma tradução que não visa a semelhança interpretativa com o texto fonte (1989 *apud* Pym 2011, p. 80). Já Vinay e Darbelnet utilizaram o rótulo para descrever um grupo de estratégias que será adotado quando os elementos estruturais ou conceituais da língua de partida não podem ser traduzidos sem se fazer alterações semânticas (1958 *apud* Newmark 1991, p. 9).

No sentido de evitar esse tipo de confusão, impõe-se detalhar o conceito de tradução indireta adotado no presente artigo. Gambier (1994, p. 2003), como mencionamos antes, define-a como “translation of translation”, enquanto Toury (2012, p. 82) defende a atividade como “translating from languages other than the ultimate Source Languages.” Accácio explica a relação dos elementos dentro do processo como segue:

[T]radução indireta é um procedimento (e um resultado deste) de transpor textos. Tendo como base uma tradução já existente, em alguma língua, do texto fonte. A sua existência, porém, está ligada antes ao texto fonte, do qual não foi traduzido, ao invés da tradução a partir da qual foi realizada. (Accácio 2010, p. 99)

Segundo Rosa, Pieta e Maia (2017, p. 119), a definição mais citada é a de Kittel e Frank, que é também a adotada no nosso artigo: “Indirect translation is based on a source (or sources) which is itself a translation into a language other than the language of the original, or the target language” (Kittel & Frank 1991, p. 3).

A função de enriquecimento cultural também tem sido reconhecida quando falamos de tradução indireta. Toury aborda o assunto no capítulo “A lesson from indirect translation” do seu livro *Descriptive Translation Studies and Beyond* (1995). Logo na introdução, o autor defende que o recurso à tradução indireta é, muitas vezes, significativo no que respeita

aos aspetos culturais (Toury 1995, p. 129). Wolfgang Bauer, no seu ensaio *The role of intermediate languages in Translation from Chinese to German* (1999), confirma o papel da tradução indireta como ponte entre culturas. Para Bauer, a própria existência ou a necessidade de “línguas intermediárias” está, naturalmente, ligada a uma grande distância linguística, mental e cultural entre dois países, geralmente acompanhada de uma grande distância geográfica e, em alguns casos especiais, grande distância temporal (Bauer 1999, p. 25).

Em resumo, a tradução indireta é um meio de divulgação e enriquecimento cultural, por meio do qual muitas obras de limitado acesso linguístico chegaram a outra cultura.

3. Traduzir cultura – possibilidades e dificuldades

Traduzir cultura é um assunto que urge discutir nos estudos de tradução. Porém, a questão não motivou ainda muitas pesquisas no campo da tradução indireta. Apesar de ser uma área pouco explorada, ‘viajar’ por duas culturas torna a pesquisa mais relevante porque permite observar a influência da cultura da língua intermediária na tradução dos elementos culturais da língua de partida.

Língua e cultura são duas partes de uma mesma realidade. No contexto da tradução, não podemos ignorar o conjunto de palavras e expressões intimamente ligadas à cultura ou ao seu contexto cultural. Baker (1992, p. 21) refere-se a este tipo de entidades culturais como *Culture-Specific Concepts*, Newmark (1988, p. 173) define-as como *cultural words*, Gambier (2004 p. 159) nomeia-as como *Culture-Specific References* e Robinson (1997, p. 35) usa a expressão *Culture-Bound Phenomena*. No nosso trabalho, adotamos a expressão ‘conceitos culturais específicos’, definidos nestes termos por Mona Baker (1992):

The source-language word may express a concept which is totally unknown in the target culture. The concept in question may be abstract or concrete; it may relate to a religious belief, a social custom, or even a type of food. Such concepts are often referred to as “culture specific”. (Baker 1992, p. 21)

Com base no exposto, vários estudiosos detalharam os ‘conceitos culturais específicos’. Newmark (1988, pp. 173-177), por exemplo, identifica seis categorias de *Culture Specific Items*:

- ecology;
- public life;
- social life;
- personal life;
- customs and pursuits;
- private passions.

Considerando as características dos conceitos culturais, os quais muitas vezes “are unique to a culture, one social group, even a person” (Santoyo 2010, p. 15), é claro e natural que haja traduções difíceis e até impossíveis. De acordo com Aixela (1997, p. 52), “translation is a complex rewriting process”, isto é um processo que exige tomada de decisões em casos problemáticos. Venuti (2000) apoia esta ideia, afirmando que “translation never communicates in an untroubled fashion because the translator negotiates the linguistic and cultural differences of the foreign text” (Venuti 2000, p. 468).

Cultural asymmetry between two linguistic communities is necessarily reflected in the discourses of their members, with the potential opacity and inaccessibility this may involve in the target system. (Aixela 1996, p. 54)

De facto, o mais importante a considerar na tradução de ‘conceitos culturais específicos’ é a perda significativa das suas conotações, como o mesmo autor destacou:

Those textually actualized items whose function and source text involve a translation problem in their transference to a connotation in a target text, whenever this problem is a product of the non-existence of the referred item or of its different intertextual status in the cultural system of the readers of the target text. (*idem*, p. 58)

Várias estratégias têm sido levantadas pelos estudiosos para contornar estas situações, como sejam “repetition, orthographic adaptation, linguistic translation, synonymy, etc” (Aixela 1996, p. 60), “borrowing, calque, literal translation, transposition, modulation, adaptation” (Munday 2001, pp. 56-60). Mona Baker (1998) e Newmark (1988) sugerem também estratégias para a tradução de “conceitos culturais específicos”.

Na nossa análise, a situação complica-se na medida que o processo de tradução envolve três línguas – chinês, inglês e português – que correspondem respetivamente a três culturas. Se concordarmos sobre a dificuldade e

ocasional impossibilidade de tradução direta entre duas línguas/duas culturas, que dizer da tradução indireta? Antes do estudo do caso, enumeram-se algumas ideias existentes quanto à tradução de cultura em contexto de tradução indireta.

4. Tradução de ‘conceitos culturais específicos’ no contexto de tradução indireta

Uma vez que o texto fonte da tradução indireta não é o original, cria-se uma situação exatamente contrária àquela desejada: a correspondência ao texto-fonte primário. Uma eventual correspondência não apenas conduziria a indeterminações artístico-formais, mas igualmente conteudístico-ideacional: “o resultado final do processo de tradução não possui praticamente mais nada em comum com o texto originário” (Stackelberg 1972, p. 113 *apud* Accácio, 2010, p. 100). Toury recorda, no seu livro *Descriptive Translation Studies and Beyond* (1995), como o fenómeno da tradução indireta foi encarado como “illness” em vez de um termo mais exato “symptom” ou “syndrome” (Toury 1995, p. 129).

Nos antípodas deste ponto de vista que trata a tradução indireta como uma doença a evitar, existem vozes de apoio. Uma delas é de Azenha Jr., para quem o fato de se traduzir diretamente da língua fonte não é sinónimo de fidelidade, de proximidade ao original ou às ideias de um autor (1998, p. 439). A nosso ver, esta discussão quanto à ‘fidelidade’ não faz sentido a nível macro, sendo possível analisar a questão a nível micro. Ou seja, devemos concentrar a análise de um ponto para identificar se a chamada ‘fidelidade’ ao texto original se mantém ou não no texto de chegada. Neste caso, escolhemos a tradução de ‘conceitos culturais específicos’ como ponto de partida.

Na verdade, já houve algumas discussões que dizem respeito à tradução de cultura no contexto da tradução indireta. Para James Hadley, um possível obstáculo na tradução indireta é que os ajustamentos culturais, incluindo omissões, que são feitos no texto intermediário podem ser desnecessários ou irrelevantes para os leitores do texto-alvo (2017, p. 184). Outra possibilidade é que um tradutor pode (in)conscientemente sentir maior liberdade com um texto intermediário do que com um texto de origem. O tradutor pode, portanto, sentir-se menos inclinado a preservar as características culturais num texto mediado (em comparação com um texto de origem), se elas se desviam das normas de cultura-alvo. Portanto, no seu artigo intitu-

lado “Indirect translation and discursive identity: Proposing the concatenation effect hypothesis”, James Hadley supõe uma hipótese que:

(...) indirect translation exhibits a proclivity towards omitting cultural elements to their source cultures, and also towards downplaying the foreign origins of their source texts, which belongs to an imperialist stand. (*idem* p. 183)

O autor usa a teoria de “discursive identity spectrum”, proposta por Clem Robyns (1994), para defender que a probabilidade de tal especificidade cultural ser omitida ou substituída é extremamente alta em traduções indiretas, como resultado de um fenómeno denominado “concatenation effect” (*idem* p. 183).

Em harmonia com a teoria de Clem Robyns, ele identifica quatro “atitudes” do tradutor em relação à cultura da língua de partida, respetivamente, “defective stand, trans-discursive stand, defensive stand and imperialistic stand”. Segundo Robyns, as atitudes representam:

whether or not the alterity of a source text or the culture it represents is acknowledged by a translator or translating culture, and whether or not cultural particularities of the source text or source culture are permitted to permeate the translation. (*idem* p. 184)

A atitude deficiente refere-se a “traduções que ativamente reconhecem as origens estrangeiras dos textos de origem e retêm os elementos estrangeiros dentro delas” (*idem* p. 409). A atitude trans-discursiva, por outro lado, “descreve atividades de tradução que retêm elementos estrangeiros sem os enfatizar, ou os próprios textos, como intrinsecamente estranhos” (*idem* p. 418). A atitude defensiva é inversa à trans-discursiva, ou seja, inclui as “traduções que reconhecem as origens estrangeiras dos textos, mas não retêm quaisquer elementos estrangeiros” (*idem* pp. 415-417). A última é designada como atitude imperialista, e refere-se às “traduções que não reconhecem as origens estrangeiras dos seus textos originais, nem retêm dele elementos estrangeiros” (*idem* p. 418).

Deste modo, ao compararmos a tradução de ‘conceitos culturais específicos’ em inglês e português, procuramos investigar qual é o papel do inglês enquanto língua intermediária no processo de tradução.

5. Estudo de caso – Análise da tradução indireta da obra *O Assassino*, de Joe Tang

A obra *O Assassino*, de Joe Tang, ficciona a morte do governador português Ferreira do Amaral. Foi escrita originalmente em chinês, depois traduzida para o inglês e, posteriormente, para o português. Uma reportagem do jornal *Ponto Final* descreve-a do seguinte modo:

A obra pretende trazer à memória local um episódio que para o escritor tem “claramente dois lados da história”, numa narrativa literária ficcionada onde Macau é palco de conflitos regionais entre as autoridades chinesas e portuguesas de Macau e as britânicas de Hong Kong em meados do século XIX.²

Apesar de ser ficção e não uma obra histórica, o enredo relaciona-se intimamente com o contexto histórico e social por altura da governação de Ferreira do Amaral.

No enredo existem três figuras essenciais: o governador de Cantão e Quancim (Guangxi), Hsu Kuang-Chin; o então governador de Macau, João Maria Ferreira do Amaral e o assassino Sum Chi-Leung. O escritor deu os seus nomes aos títulos dos capítulos do conto, dividindo-o assim em três partes-histórias dedicadas a três homens diferentes que encontram na história da cidade de Macau um fio condutor e um denominador comum.

Ao mesmo tempo, devido ao lugar e ao contexto histórico da narrativa, a obra envolve peculiaridades culturais e linguísticas, tais como *chengyu* e *xiyu* (expressão idiomáticas), termos específicos da cultura chinesa, que oferecem matéria abundante à nossa pesquisa.

Durante a leitura, observamos a existência de vários equívocos nas traduções, tanto na versão em inglês, como na versão em português. Considerando as características e causas desses equívocos, dividimos os nossos exemplos em dois grupos. O primeiro diz respeito a equívocos na compreensão de aspetos culturais, o qual se concentra sobretudo na compreensão de ‘conceitos culturais específicos’ de nível semântico. O outro refere-se à domesticação e dupla perda, em que intervêm mais questões de estratégia do tradutor intermediário durante o processo de tradução indireta.

2 Fonte: <https://pontofinalmacau.wordpress.com/2015/03/31/nao-sou-o-juiz-da-historia-do-assassinato-de-ferreira-do-amaral/>. Acesso em: 23 mar. 2018.

5.1. Equívocos na compreensão de aspetos culturais

O texto “viaja” por três culturas, o significado original passa primeiro de uma cultura oriental para uma cultura ocidental e, posteriormente, da cultura inglesa para a cultura portuguesa, ainda que esta última passagem se mantenha na esfera contextual ocidental. Segundo James Hadley,

(...) translations produced from texts that are also translations, and with no direct reference to those translations' sources, are inherently constrained by the stands and strategies taken by the first translations. (Hadley 2017, p. 185)

Por outras palavras, a impossibilidade de comunicar com o texto original obriga o tradutor da língua de chegada a seguir as opções da versão intermediária. Assim, se a primeira tradução falha em reconhecer as origens estrangeiras do texto original, a eficiência das traduções subsequentes será atingida. (Hadley 2017, p. 185). No caso do conto *O Assassino* encontramos alguns casos em que o tradutor da língua intermediária revela mal-entendidos em relação a conceitos culturais específicos em chinês, conduzindo à tradução errada em português.

Exemplo 1

Chinês (língua de partida)	(...) 但他徐廣縉可也不是僥倖得勢之輩: 自嘉慶二十五年考得進士、道光十三年 尋機出任榆林知府之後, 歷任福建按察使、順天府尹、四川布政使、江寧布政使。三年前擢任雲南巡撫, 但位子還沒坐穩便調任兩廣總督一職.....這一路下來, 可也沒怎麼少折騰。(p. 13)
Inglês (língua intermediária)	Yet Hsu Kuang Chin was not a man who'd stumbled into power: since passing the Imperial Examinations in the twenty-fifth year of Emperor Chia ch'ing, then nabbing the post of Yulin Prefecture Magistrate in the thirteenth year of Tao-kuang, he had held in succession the jobs of Surveillance Commissioner in Fukien, Public Security Administrator of Peking, and Provincial Commissioner of first Szechuan then Chiang-ning. Three years ago, he'd been promoted to inspector-general of Yunnan, but he'd barely got settled in there before being transferred to his current position. Truly, his path here has not been straightforward. (p. 79)

Português (língua de chegada) Porém Hsu kuang-chin não tinha chegado ao poder por acaso: passara nos exames imperiais no vigésimo quinto ano do imperador Chia-ch'ing, assumira o cargo de magistrado municipal de Yulin no décimo terceiro ano de Lao-kuang, ocupara sucessivamente os cargos de comissário de vigilância em Fukien, administrador da Segurança Pública em Pequim, e comissário provincial, primeiro de Szechuan, e posteriormente de Chiang-ning. Há três anos, fora promovido a inspector-geral de Yunnan mas, mal se instalara, já estava a ser transferido para o cargo actual. O seu caminho até aqui tinha sido tudo menos directo. (p. 21)
(negrito nosso)

Este excerto faz referência a cinco cargos oficiais da época da dinastia Qing, a saber, 知府 (zhī fǔ), 按察使 (àn chá shǐ), 順天府尹 (shùn tiān fǔ yǐn), 布政使 (bù zhèng shǐ) e 巡撫 (xún fǔ). De facto, os cargos oficiais do sistema feudal em chinês eram muito bem organizados, de acordo com a sua responsabilidade, e possuíam um contexto cultural muito profundo. Joseph Needham foi autor de *Science and Civilization in China* (1959), obra em inglês que integra quase todas as áreas do desenvolvimento científico da China antiga. Como o livro envolve várias dinastias, a tradução dos cargos oficiais tornou-se uma questão inevitável, pois estes estão profundamente enraizados na cultura chinesa. A este respeito Joseph Needham (1959, p. 40) comenta:

Alguém que tente traduzir os livros antigos da China de chinês para outras línguas, encontrará grande dificuldade na tradução dos inúmeros cargos oficiais. Até agora, ainda não temos nenhuma norma para a tradução dos cargos oficiais em qualquer dinastia.³ (tradução nossa)

A consideração de Joseph Needham é natural, porque os cargos oficiais começaram a ser utilizados ainda no Período dos Estados Combatentes (475-221 a.C.). Durante as dinastias seguintes, os nomes dos cargos oficiais foram mudando, para se transformarem num sistema bem organizado e hierarquizado. O sistema de cargos oficiais é tão complexo que dificilmente terá um equivalente noutra parte do mundo. O tradutor, nomeadamente se de uma cultura diferente da chinesa, terá dificuldade em entender e encontrar cargos equivalentes na sua própria cultura. A somar a esta complexi-

³ Texto original: “每一个想把中国古书译成其他语言的人，无不为其大量官衔的译法大伤脑筋。到目前为止，还没有哪个朝代的官名有公认的译法”。

dade, existe o problema do contexto cultural e histórico dos cargos oficiais. Tomemos um exemplo. O tradutor precisa conhecer a divisão das regiões administrativas da dinastia Qing para descortinar a diferença e a classe respectiva de cada cargo. A dificuldade também fica demonstrada pela falta de uma norma condutora, também mencionada por Needham. Assim, diferentes tradutores talvez adotem diferentes estratégias de tradução, o que dificulta a qualidade desta.

Depois desta breve referência à complexidade dos cargos oficiais, voltamos ao excerto do primeiro capítulo “Hsu Kuang-Chin”, no momento em que o então governador de Cantão e de Quancim relembra a sua progressão profissional ao longo dos anos. A função deste excerto é salientar que, apesar de pertencer à etnia Han, Hsu também conseguiu ser promovido graças à sua capacidade e experiência na governação. Há mais que um ponto que se impõe esmiuçar. Como o primeiro imperador da dinastia Qing, Nuhaci, pertencia ao grupo étnico Man, seria difícil para alguém de etnia Han entrar no governo. O excerto aqui analisado descreve o percurso oficial de Hsu, salientando que a vida dá muitas ‘reviravoltas’ através da descrição dos muitos cargos oficiais exercidos pela personagem. Comparemos as traduções em inglês e em português.

Tabela 2. Traduções interlineares dos cargos oficiais

Chinês	Inglês	Português
知府	Prefecture Magistrate	Magistrado municipal
按察使	Surveillance Commissioner	Comissário de vigilância
順天府尹	Public Security Administrator of Peking	Administrador da Segurança de Pequim
布政使	Commissioner Provincial	Comissário provincial
巡撫	Inspector-General	Inspetor geral
兩廣總督	Governor of Kwangtung and Kwangsi	Governador de Cantão e Quancim

Através da comparação, observamos que o tradutor da língua intermediária utiliza a estratégia de “domesticação” e “modernização”, o que significa que o tradutor de inglês utiliza os nomes dos cargos oficiais usados no sistema atual, construindo um cenário no qual um oficial chinês parece exercer cargos ocidentais.

O desvio ao nível semântico constitui igualmente um grande problema. Tomemos o exemplo da tradução de “Xun Fu” (巡撫, inspetor-geral). Em meados do século XVII, Xun Fu designava, em chinês, o título de um governador provincial regular que supervisionava a Administração civil

(Chan 1988, p. 183). Em inglês, o termo Inspector-General significa “an investigate official in a military organization”⁴, de acordo com o dicionário Collins. E em português, segundo definição do dicionário online *Priberam*, é uma “pessoa que dirige o departamento estatal que tem a seu cargo a inspeção do funcionamento de determinados serviços”.⁵ O cargo utilizado no texto original enfatiza a sua função como governador de assuntos civis a nível provincial. A tradução intermediária adiciona um sentido militar e de inspetor, e o tradutor de português opta por uma tradução literal para “inspetor-geral”, o que aumenta a responsabilidade deste cargo de nível provincial para a direção de um departamento estatal. Na tradução final, a função foi, a nosso ver, completamente alterada.

As designações e os níveis dos cargos oficiais são importantes na medida em que descrevem a vida de Hsu como oficial do governo, que parece ser muito difícil, já que ele passa por quase todos os cargos possíveis, chegando a ser transferido duas vezes no mesmo nível hierárquico. Para atingir o efeito pretendido, a tradução precisaria de indicar os diferentes níveis e também a responsabilidade de cada cargo, para destacar o percurso ascendente. Isto permitiria aos leitores conhecerem Hsu – um mandarim da etnia Han, experiente nos assuntos do governo. Conhecimentos insuficientes do sistema de cargos oficiais pelo tradutor de inglês comprometeram assim a tradução em português, que não é fiel ao texto original.

Abaixo, listamos outro equívoco do tradutor, assim como uma versão interlinear para referência.

Tabela 3. Tradução interlinear da expressão “龍心大悅”

Chinês (língua de partida)	龍心大悅的道光皇帝即賞徐廣繙雙眼花翎，并封一等子爵 (p. 16)
Inglês (língua intermediária)	Emperor Tao-kuang, delighted as a dragon , bestowed the double-eyed peacock feather cap on Hsu Kuang-chin, as well as the hereditary title of First Class Duke. (p. 84)
Português (língua de chegada)	Encantado como um dragão , o imperador Tao-Kuang outorgou o chapéu com a pena de pavão com dois olhos a Hsu Kuang-chin, bem como o título hereditário de duque de primeira classe (p. 26) (negrito nosso)

4 Fonte: <https://www.thefreedictionary.com/inspector+general>. Acesso em: 23 mar.2018.

5 Fonte: <https://priberam.pt/DLPO/inspector-geral>. Acesso em: 23 mar. 2018.

TF	龍	心	大	悅
pinyin	lóng	xīn	xīn	yuè
Tln	dragão	coração	grande	alegre
Tln	O coração do dragão está muito feliz			

A tradução literal da expressão “龍心大悅” é “o coração do dragão está muito feliz”. Todavia, esta tradução literal é bastante estranha tanto para os não-falantes de chinês como para os próprios chineses.

A figura do dragão foi inicialmente utilizada como símbolo do poder imperial e associado à abundância, sorte, prosperidade e fortuna. Os imperadores eram considerados “filhos do céu” e o dragão sempre foi o seu símbolo. O manto do imperador chamava-se “manto do dragão” e o trono “trono do dragão”. Nesta medida, os civis não podiam usar qualquer figura de dragão. Abundam na literatura chinesa exemplos para mostrar a relação íntima entre o “dragão” e o imperador da China. A sua imagem ressurgiu nas bandeiras nacionais durante a dinastia Qing e tornou-se um grande símbolo do folclore chinês.

Segundo a mitologia chinesa, este foi um dos quatro animais sagrados convocados por Pan Ku, o Deus criador, para participar na criação do mundo. Daí a crença entre os chineses de que eles são descendentes diretos dos dragões. Nesse sentido, também existem várias expressões que usam o dragão para representar o imperador, como referido no nosso exemplo acima. Esta expressão indica que o imperador está contente ou satisfeito com alguma coisa: o coração do dragão, na verdade, refere-se ao “coração do imperador”. Após esta explicação, percebemos que o tradutor de inglês não compreendeu o significado profundo da expressão que, a nosso ver, não tem nenhuma relação com o dragão e traduziu erradamente a expressão como “delighted as a dragon”. Tal como aconteceu com os cargos oficiais, o tradutor da versão em português não pôde verificar o mal-entendido porque não verificou o texto original.

Por outro lado, temos de ter consciência da imagem do dragão no Ocidente. Enquanto o dragão oriental é retratado como uma criatura auspiciosa e com poder mágico, que coexiste no céu com os deuses; na cultura ocidental o dragão representa o mal e as trevas. Ao contrário da imagem celestial do dragão oriental, o dragão ocidental tem dentes afiados e pernas fortes. Diz-se que ele traz prejuízos, sofrimento e medo aos seres humanos. O livro do *Apocalipse*, o último livro do *Novo Testamento*, descreve o diabo, Satanás, sob a forma de um dragão vermelho que luta com o Arcanjo

Miguel. Satanás, o enganador do mundo, foi derrotado e lançado para a Terra. Por isso, “encantado como um dragão” não faz sentido para os leitores portugueses, tanto no aspeto semântico, como ao nível cultural.

Na nossa opinião, a melhor estratégia que se podia adotar aqui seria “O imperador Tao- Kuang ficou tão contente que outorgou o chapéu com a pena de pavão com dois olhos a Hsu Kuang-chin, bem como o título hereditário de duque de primeira classe”. De facto, o título de imperador já integra a “nobreza” do dragão, pelo que não precisamos de salientar a imagem para o mostrar.

Às vezes uma expressão em chinês, especialmente provérbios e expressões idiomáticas como *Chengyu* (成語) e *Suyu* (俗語), tem vários significantes além do literal. Por isso, o tradutor tem de escolher o significante correto no contexto textual e cultural. A este respeito, vejamos o exemplo abaixo.

Tabela 4. Tradução interlinear da expressão “秋老虎”

Chinês (língua de partida)	雖然這一年在六月二十已經立了秋，但進入 秋老虎 肆虐的七月，天氣依然悶熱不堪。(p. 12)		
Inglês (língua intermediária)	Although the autumn solar term began on the twentieth day of the sixth month this year, an Indian summer has dragged on into the seventh month, and the weather is unbearably hot and muggy. (p. 77)		
Português (língua de chegada)	Embora este ano o período do Outono solar tenha começado no vigésimo dia do sexto mês, um Verão indiano arrastou-se até ao sétimo mês, e o tempo está insuportavelmente quente e abafado. (p.19) (negrito nosso)		
TF	秋	老	悅
pinyin	qiū	lǎo	hǔ
Tln	outono	velho	tigre
Tln	Tigre no outono		

A tradução literal de “秋老虎” (qiū lǎo hǔ) é “tigre no outono”. Na China, usa-se o termo para descrever os dias muito quentes no princípio daquela estação. Como o calor é insuportável e dura até duas semanas, os chineses comparam o fenómeno meteorológico com o tigre para reforçar a ideia da força do calor. Na tradução inglesa, usa-se uma imagem equiva-

lente na sua cultura para descrever o fenómeno meteorológico: “an Indian summer”. De acordo com *Meteorological Glossary* (1916), esta expressão em inglês significa “Autumn heatwaves occurring in autumn, especially in October and November.” Uma reportagem sobre a expressão “Indian Summer” no jornal *The Guardian* explica a sua origem:

You could be forgiven for thinking that it comes from British colonial rule in India. But the more likely explanation is that it was first coined along the American east coast where warm weather in autumn is not uncommon.⁶

Entretanto, vemos que a versão em português optou por uma tradução literal, ‘copiando’ diretamente a expressão inglesa para “um verão indiano”. Mais uma vez, embora sejam duas culturas não muito distantes, ainda há muitos elementos culturais que não podem partilhar. Se procurarmos a expressão “verão indiano” na Internet, quase todas as informações se referem ao verão na Índia.

Contudo, na cultura portuguesa existe uma expressão para o mesmo fenómeno que ocorre no meio de novembro, por volta do Dia de São Martinho, celebrado a 11 de novembro: o verão de São Martinho. Uma meteorologista descreve-o da seguinte forma: “Chegam os primeiros dias de novembro, o outono é suspenso, o verão regressa”.⁷ Palavras como “veranico” ou “veranito” significam também um período curto de sol e calor durante o tempo chuvoso ou frio.

Muitas vezes, pensamos que a tradução para a língua de chegada é mais fácil porque a intermediária faz o trabalho de transmitir as conotações de palavras ou expressões de cultura mais afastada para uma cultura mais próxima. Neste caso, o processo ocorre primeiro do chinês para o inglês e depois do inglês para o português. Contudo, a chamada proximidade cultural não é facilmente ultrapassada quando se trata de comunidades com diferentes histórias e culturas.

Em português, a expressão “verão de São Martinho” está ligada a uma lenda e ao período de São Martinho. A tradução de termos próprios normalmente possui um profundo contexto que só existe na sua própria cultura. Na tradução indireta, a língua intermediária normalmente tem uma relação mais próxima com a de chegada, tanto a nível linguístico como cultural. Mas isto não significa que o tradutor da língua de chegada possa

6 Fonte: <https://www.theguardian.com/uk-news/from-the-archive-blog/2014/sep/08/indian-summer-archive>. Acesso em: 23 mar. 2018.

7 Fonte: <http://observador.pt/2015/11/09/existe-verao-sao-martinho>. Acesso em 23 mar. 2017.

simplesmente tomar de empréstimo os termos da língua intermediária sem pensar se estes funcionam igualmente na cultura de chegada. No processo de tradução, o grau de proximidade entre a cultura-fonte e a cultura-meta é um fator importante que deve ser levado em conta. Paulo Henriques Britto cita um exemplo no seu ensaio *O tradutor como mediador cultural*:

A tradução de um texto literário produzido por um autor argentino para o português do Brasil representa um caso de distância bem pequena: os dois idiomas são muito próximos, e para boa parte dos construtos culturais argentinos encontraremos elementos correspondentes na cultura do Rio Grande do Sul, devidamente acompanhados dos termos que os designam, muitas vezes cognatos próximos dos termos castelhanos do original. (Britto 2010, p. 136)

Mas ser ‘próximo’ não significa ser ‘idêntico’. No caso de tradução indireta, o tradutor da língua chegada não deve traduzir por garantia. Quer isto dizer que, quando a questão diz respeito à cultura, o tradutor precisa de assegurar uma compreensão adequada do seu contexto cultural e social.

No que se refere à tradução de termos próprios, como cargos oficiais que exigem um conhecimento profundo da história e da cultura do texto de partida, as traduções indiretas muitas vezes erram por causa da inerente complexidade cultural. Mesmo que as culturas inglesa e portuguesa compartilhem muitos elementos, sobretudo quando comparado com a cultura chinesa, também existem muitos termos que não encontram equivalência.

Em conclusão, temos de admitir que há limitações na tradução indireta. Como Landers propõe, durante a transmissão de tradução indireta, “algo semelhante ao efeito Xerox ocorre: uma cópia de uma cópia de uma cópia perde nitidez e detalhe a cada passagem sucessiva do processo” (Landers 2001, p. 31). No que diz respeito à cultura, esta desvantagem é mais grave porque o tradutor da língua de chegada depende completamente da compreensão do tradutor da língua intermediária. Isto significa que se o tradutor da língua intermediária não entender a conotação das palavras, o da língua de chegada repassará o erro. Por outro lado, quando a tradução da língua intermediária é correta, não podemos garantir a qualidade da tradução na língua de chegada, uma vez que o primeiro tradutor teve um contato direto com a língua original, o que não acontece com o segundo tradutor, autor do terceiro texto.

5.2. Domesticação e dupla perda

Outra questão pertinente na tradução de 'conceitos culturais específicos' relaciona-se com as estratégias de tradução, isto é, algumas estratégias e técnicas existentes para a sua tradução.

Mona Baker (1992) sugere vários procedimentos para lidar com a falta de equivalências a nível lexical, por exemplo, escolher uma palavra mais geral, uma palavra mais neutra/menos expressiva, tradução por paráfrase, uso de uma palavra relacionada, etc. No entanto, a autora enfatiza que algumas técnicas são usadas especialmente para a tradução de 'conceitos culturais específicos', de que é exemplo a substituição cultural, usando o *empréstimo* ou palavra de empréstimo acrescido de uma explicação (Baker 1992, p. 57). A primeira traduz-se na substituição do 'conceito cultural específico' do texto de origem por um 'conceito cultural específico' da cultura de chegada. Outra estratégia recomendada é usar palavras de empréstimo ou usar palavras de empréstimo com uma explicação adicional (Baker 1992, pp. 57-58).

Javier Franco Aixela (1997) também aponta várias estratégias aplicáveis à tradução de itens específicos da cultura: conservação (o procedimento menos manipulador), repetição, adaptação ortográfica, tradução linguística, sinónimos, universalização limitada, omissão ou criação autónoma (Aixela 1997, p. 69).

Em síntese, as técnicas listadas acima poderiam ser catalogadas em dois grupos, um liderado pela estratégia de estrangeirização que inclui, por exemplo, a tradução literal, a conservação e o uso de palavras de empréstimo com uma explanação adicional; o outro orientado pela estratégia de domesticação, como é o caso da substituição. De facto, ambas as estratégias têm sido discutidas quando a tradução envolve elementos culturais. O linguista Friedrich Schleiermacher resumiu as duas vertentes, como segue:

Either the translator leaves the author in peace, as much as possible, and moves the reader toward him. Or he leaves the reader in peace, as much as possible, and moves the author toward him.⁸ (*apud* Lefevere 1992, p. 149)

A domesticação revela-se quando o texto traduzido é capaz de chegar à língua alvo sem que isso possa gerar desconfiança (de que o texto foi traduzido) na pessoa que o lê. Por outras palavras, para Schleiermacher, este

8 Traduzido por André Lefevere em *Translation, History, Culture. A Sourcebook* (1992).

seria um meio de chegar ao leitor de uma forma extremamente aprazível e confortável, sem causar qualquer tipo de estranhamento.

Já o conceito de estrangeirização remete-nos para uma tradução que leva em consideração vários termos não-locais, bem como as suas idiossincrasias e elementos culturais, deixando estes mesmos termos relacionados com a cultura do texto original para que o leitor da obra traduzida possa, por si mesmo, entendê-los e decifrá-los, visando o estranhamento. O leitor, por sua vez, pode não estar familiarizado com esses termos estrangeiros, no primeiro contato com eles.

Tal como Schleiermacher, o teórico norte-americano Lawrence Venuti fala em domesticação e estrangeirização para se referir respectivamente às práticas tradutórias que ocultam diferenças culturais, adaptando tudo à cultura de chegada, e àquelas que mantêm a estranheza do texto original e da cultura de partida, deixando transparecer a origem estrangeira do texto. Apesar de apontar que toda a tradução envolve uma interpretação e, portanto, algum grau de domesticação (Venuti 2002, p. 17), o autor critica a tradição que valoriza a tradução fluente como critério de uma tradução de qualidade, prática comum, em especial, na cultura anglo-americana que, segundo ele, é excessivamente domesticadora (Venuti 1995, p. 121).

Para aquele autor, a desvalorização do trabalho do tradutor é, em parte, resultado da prática da tradução domesticadora. A produção de traduções fluentes envolve recursos discursivos que normalizam a língua de chegada, provocando a ilusão de que o leitor está diante de um texto 'original', não traduzido.

The illusion of transparency is an effect of fluent discourse, of the translator's effort to insure easy readability by adhering to current usage, maintaining continuous syntax, fixing a precise meaning. What is so remarkable here is that this illusory effect conceals the numerous conditions under which the translation is made, starting with the translator's crucial intervention in the foreign text. The more fluent the translation, the more invisible the translator (...) (Venuti 1995, p. 1)

Segundo Hadley, cada tradução é produzida nos seus próprios termos. Assim, a primeira tradução não é produzida para facilitar a produção de uma tradução subsequente, mas existe como um texto-alvo no seu próprio limite e para a sua cultura-alvo. (Hadley 2017, p. 187) Isto significa que o tradutor intermediário fará algumas alterações ao texto original para que a tradução se integre melhor na sua cultura, especialmente perante

os ‘conceitos culturais específicos’. No caso da tradução indireta, uma vez que a primeira tradução atua na segunda, a posição em relação ao texto-fonte ou à sua cultura, tomada por uma primeira tradução, terá inevitavelmente repercussões em qualquer tradução subsequente nela baseada (*idem* p. 188).

Nesse sentido, se o tradutor da língua intermediária aplica o princípio da domesticação quando lida com ‘conceitos culturais específicos’, o tradutor da língua chegada não saberá que certa expressão é um ‘conceito cultural específico’ no texto original. Isto resulta, muitas vezes, em perda da imagem cultural dos ‘conceitos culturais específicos’ na tradução da língua de chegada, especialmente quando estes desempenham um papel metafórico ou se referem a um contexto histórico. A título de exemplo, vejamos as tabelas 5 e 6.

Tabela 5. Tradução interlinear da expressão “虎視眈眈”

Chinês (língua de partida)	死心不息的英國人，其實還在虎視眈眈的瞄著廣州城。 (p. 12)			
Inglês (língua intermediária)	The rapacious British still have Kwangchow City in their sights . (p. 78)			
Português (língua de chegada)	Os ávidos britânicos continuavam a cobiçar a cidade de Cantão. (p. 20)			
	negrito nosso)			
TF	虎	視	眈	眈
pinyin	qīū	shì	dān	dān
Tln	tigre	visão	olhar	olhar
TL	O tigre fixa o olhar feroz no alvo			

“Hu Shi Dan Dan” é um *chengyu* em chinês, proveniente do *I Ching* (易經). Na verdade, a expressão completa é “虎視眈眈，其欲逐逐” (hǔ shì dān dān, qí yù zhú zhú), cuja tradução literal é “o tigre fixa o olhar feroz no alvo e já está pronto a atacar”. A expressão tem dois níveis semânticos, o primeiro consiste no uso da metáfora do tigre e o segundo revela-se na ação de fixar os olhos em alguma coisa para salientar a cobiça.

O tradutor da língua intermediária optou por uma estratégia de domesticação ao escolher uma expressão que, na sua opinião, possui equivalência com a original. Em inglês, de acordo com o *McGraw-Hill Dictionary of American Idioms and Phrasal Verbs*, “have something in one’s sights”⁹ significa “to consider someone or something one’s goal or conquest”. A nível semântico, a tradução em inglês pode ser considerada como equivalente na função, apesar de abandonar a metáfora chinesa do tigre. Apesar da perda, o tradutor mantém um pouco do sentido de ‘olhar’.

Quanto à tradução em português, observamos que a expressão chinesa se transforma em “cobiçar”, que significa desejar com ânsia. Tal como na tradução em inglês, esta tradução funciona bem no contexto linguístico do público-alvo; os leitores do português compreendem imediatamente o significado. Neste aspeto, a tradução é bem-sucedida. Mas, ao mesmo tempo, não podemos esquecer que a expressão original é um conceito cultural específico. Ao ser transformado duas vezes, já não encontramos nenhuma imagem da expressão original, embora a tradução funcione a nível semântico. Do nosso ponto de vista, seria melhor manter a metáfora do tigre: “Os ávidos britânicos continuavam a cobiçar a cidade de Cantão, tal como os tigres fixam os seus olhos no alvo”.

Tabela 6. Tradução interlinear da expressão “噤若寒蟬”

Chinês (língua de partida)	所以，自從那次戰役之後，他就在也沒把議事會放在眼裡，而議事會的委員們每次看到它也總是 噤若寒蟬 。(p. 27)			
Inglês (língua intermediária)	After that battle, he didn’t pay any attention to what the Leal Senado had to say, and the Councilmen were cowed into silence . (p. 97)			
Português (língua de chegada)	Após essa batalha, ele não voltou a prestar atenção ao que o Senado tinha a dizer, e os senadores remeteram-se ao silêncio . (p. 41) (negrito nosso)			
TF	噤	若	寒	蟬
pinyin	jìn	ruò	hán	chán
Tln	calar	visão	olhar	olhar
TL	A cigarra cala-se quando está frio			

9 Fonte: [https://idioms.thefreedictionary.com/have+\(someone+or+something\)+in+\(one%27s\)+sights](https://idioms.thefreedictionary.com/have+(someone+or+something)+in+(one%27s)+sights). Acesso em: 23/03/2018

O *chengyu* chinês “噤若寒蟬” refere-se à cigarra que se cala no fim do outono. Antigamente, as pessoas não sabiam que a cigarra só canta na primavera e verão e morre no fim do outono. Pensavam que o inseto se cala por causa do frio. Assim, usa-se a expressão para descrever as pessoas que se calam com medo. Na história chinesa, a expressão foi usada para criticar o oficial que não tinha cuidado com os assuntos políticos e se calava para evitar problemas.

O excerto refere-se à relação entre Ferreira do Amaral e os senadores. Depois do governador ter saído vencedor na “revolta dos faitiões”, os senadores jamais tiveram coragem de falar à sua frente.

A expressão foi traduzida para inglês como “cowed into silence”. Em inglês, o verbo “cow” significa “to frighten or subdue with threats or a show of force”. A tradução em inglês abandona assim a imagem da cigarra, mas mantém o sentido de calar com receio. Em português traduziu-se como “remeteram-se ao silêncio” que é semelhante a “calar-se”. Deste modo, a tradução em português não só perde a expressão idiomática original em chinês, mas também o sentido, aliás, a conotação emocional da expressão.

Propomos uma tradução alternativa da expressão idiomática como segue: “Após essa batalha, ele não voltou a prestar atenção ao que o Senado tinha a dizer, e os senadores remeteram-se ao silêncio por receio, como as cigarras se calam por causa do frio”. Por um lado, precisamos do sentido de ‘receio’ e, por outro, mantemos a figura da cigarra para que os leitores conheçam a metáfora da expressão original.

Admitimos a dificuldade de manter o contexto histórico da expressão, para que os leitores da língua de chegada possam entender o significado, portanto a estratégia da domesticação, muitas vezes, é inevitável. O que queremos discutir aqui é o resultado após uma dupla domesticação, o qual também chamamos ‘dupla perda’, pois perde-se não só as metáforas, as imagens culturais e a história, mas também se falha a nível semântico.

Em resumo, da análise dos exemplos acima, constata-se que os ‘conceitos culturais específicos’ têm sido alterados no processo de tradução indireta, tanto por causa dos equívocos na compreensão de aspetos culturais, como em resultado das estratégias tomadas pelos tradutores.

6. Considerações finais

Das filosofias clássicas de Lao Zi (Lao Tsé) e Confúcio às obras contemporâneas de Paulo Coelho, o conhecimento do sistema literário e cultural é

inseparável da contribuição da tradução indireta, tanto na China como nos países lusófonos.

Contudo, assumindo uma perspectiva micro, observamos alguns pontos passíveis de melhoria nos processos de tradução indireta. No nosso artigo, escolhemos o aspeto da tradução de cultura, nomeadamente de ‘conceitos culturais específicos’.

Assim como em vários outros casos de tradução indireta, verificamos que um dos maiores problemas na obra analisada é a impossibilidade do tradutor se comunicar diretamente com a língua original. Esta falha, de acordo com a nossa pesquisa, não só acontece no primeiro passo – do chinês para o inglês – mas também tem lugar no segundo, da língua intermediária para o português. Temos de prestar mais atenção ao segundo passo, pois apesar da percepção de proximidade cultural e linguística, como os exemplos por nós levantamos demonstram, a proximidade não é sinónimo de igualdade.

Outra questão fulcral é a estratégia usada pelo tradutor intermediário. Na tradução de ‘conceitos culturais específicos’ as estratégias mais comuns são a domesticação e a estrangeirização. Manter ou não as características específicas da cultura de partida depende da atitude do tradutor intermediário.

(...) each translation is produced on its own terms. And so, the first translation is not produced in order to facilitate the production of a subsequent translation but exists as a target text in its own right for its target culture. (Hadley 2017, p. 187)

Nesse sentido, é mais fácil para o tradutor de língua inglesa adotar uma estratégia de domesticação para melhorar a compreensão dos leitores da sua cultura. Mas, durante este processo, é impossível preservar todas as especificidades culturais da língua de partida. Em relação à passagem do texto intermediário para o texto de chegada, as especificidades culturais voltam a sofrer uma perda, em especial as metáforas, o contexto histórico da expressão e as expressões idiomáticas.

De um modo geral, podemos portanto afirmar que a tradução indireta tem servido como ‘moderadora’ entre diferentes culturas. Mas no campo da análise microtextual, observamos que a impossibilidade de ter acesso ao texto original resulta em lacunas e carências na tradução, sobretudo no aspeto de tradução de ‘conceitos culturais específicos’.

Referências

- Accácio, M. A. (2010). Tradução indireta: Uma prática de divulgação e enriquecimento cultural, *TradTerm*, 16(1), 97-117.
- Aixela, J. F. (1997). *Culture-specific items in translation. Translation, power, subversion*. Clevedon, Inglaterra: Multilingual Matters.
- Baker, M. (1992). *In other words: A coursebook on translation*. Londres, Inglaterra: Routledge.
- Bassnett, S. & Trivedi, H. (1991). *Translations Studies*. Londres & Nova Iorque: Routledge.
- Bauer, W. (1999). The role of intermediate languages in translations from Chinese into German. In V. Alleton & M. Lackner (Eds.), *De l'un au multiple. Traductions du chinois vers les langues européennes. Translations from Chinese to European Languages [One into many: Translations from Chinese to European languages]* (pp. 19-32). Paris, França: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- Bielsa, E. & Bassnett, S. (2009). *Translation in global news*. Londres, Inglaterra: Routledge.
- Britto, P. H. (2010). O tradutor como mediador cultural. *Synergies Brési* (número especial) 2, 135-141.
- Chan, Hok-lam (1988). *The Cambridge History of China, Volume 7: The Ming Dynasty, 1368-1644, Part 1*. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press.
- Dollerup, C. (2000). "Relay" and "support" translations. In A. Chesterman, N. G. S. Salvador & Y. Gambier (Eds.), *Translation in context: Selected contributions from the EST Congress, Granada 1998* (pp. 17-26). Amsterdão & Philadelphia: John Benjamins.
- Gambier, Y. (1994). La retraduction, retour et détour [Retranslation, Revival and Detour]. *Meta: Journal des traducteurs*, 39 (3), 413-417.
- Gambier, Y. (2004). *Doubts and directions in translation studies: Selected Contributions from the EST Congress, Lisbon 2004*. Amsterdão, Holanda: John Benjamins.
- Hadley, J. (2017). Indirect translation and discursive identity: Proposing the concatenation effect hypothesis. *Translation Studies*, 10(2), 183-197.
- Kittel, H. & Frank, A. P. (1991). Introduction. In H. Kittel & A. P. Frank (Eds.), *Interculturality and the Historical Study of Literary Translations* (pp. 3-4). Berlim, Alemanha: Erich Schmidt Verlag.
- Landers, C. E. (2001). *Becoming a translator: An introduction to the theory and practice of translation*. Clevedon, Inglaterra: Multilingual Matters.
- Lefevere, A. (1992). *Translation / History / Culture: A sourcebook*. Londres, Inglaterra: Routledge.
- Munday, J. (2001). *Introducing translation studies: Theories and applications*. Londres, Inglaterra: Routledge.

- Needham, J. (1959). *Science and civilisation in China, Volume 3: Mathematics and the sciences of the heavens and the earth*. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press.
- Newmark, P. (1988). *Textbook of Translation*. Nova Jersey, Estados Unidos da América: Prentice-Hall International.
- Pym, A. (2011). Translation research terms: A tentative glossary for moments of perplexity and dispute. In A. Pym (Ed.), *Translation Research Projects 3* (pp. 75-110). Tarragona, Espanha: Intercultural Studies Group.
- Ringmar, M. (2007). "Roundabouts routes": Some remarks on indirect translations. In F. Mus (Ed.), *Selected Papers of the CETRA Research Seminar in Translation Studies 2006*. Leuven, Bélgica: Katholieke Universiteit Leuven.
- Robinson, D. (1997). *Becoming a Translator: An Introduction to the theory and practice of translation*. Londres, Inglaterra: Routledge.
- Robyns, C. (1994). Translation and Discursive Identity. *Poetics Today*, 15(3), 405-428.
- Rodrigues, J. (2014). What is an Indian summer? *The Guardian*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/uk-news/from-the-archive-blog/2014/sep/08/indian-summer-archive>>. Acedido em: 12 jan. 2018.
- Rosa, A. A., Pięta, H. & Maia, R. B. (2017). Theoretical, methodological and terminological issues regarding indirect translation: An overview. *Translation Studies*, 10(2), 113-132.
- Santoyo, J. C. (2010). Translation and Cultural Identity: competence and performance of the autor-translator. In M. Muñoz-Calvo & C. Buesa-Gómez (Ed.), *Translation and cultural identity: Selected essays on translation and cross-cultural communication*, 15-20. Newcastle, Inglaterra: Cambridge Scholars Publishing.
- Tang, J. (2015). *O Assassino*. Macau, República Popular da China: Praia Grande Edições.
- Toury, G. (1995). *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdão & Philadelphia: John Benjamins.
- Toury, G. (2012). *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdão: John Benjamins Publishing.
- Venuti, L. (1995). *The translator's invisibility. A history of translation*. Londres, Inglaterra: Routledge.
- Venuti, L. (2000). *The Translation Studies Reader*. Londres, Inglaterra: Routledge.
- Venuti, L. (2002). *The scandals of translation: Towards an ethics of difference*. Londres, Inglaterra: Routledge.

[recebido em 06 de setembro de 2018 e aceite para publicação em 25 de fevereiro de 2019]